

ORDEM PERISSODACTYLA

MARGARETH LUMY SEKIAMA

ISAAC PASSOS DE LIMA

VLAMIR JOSÉ ROCHA

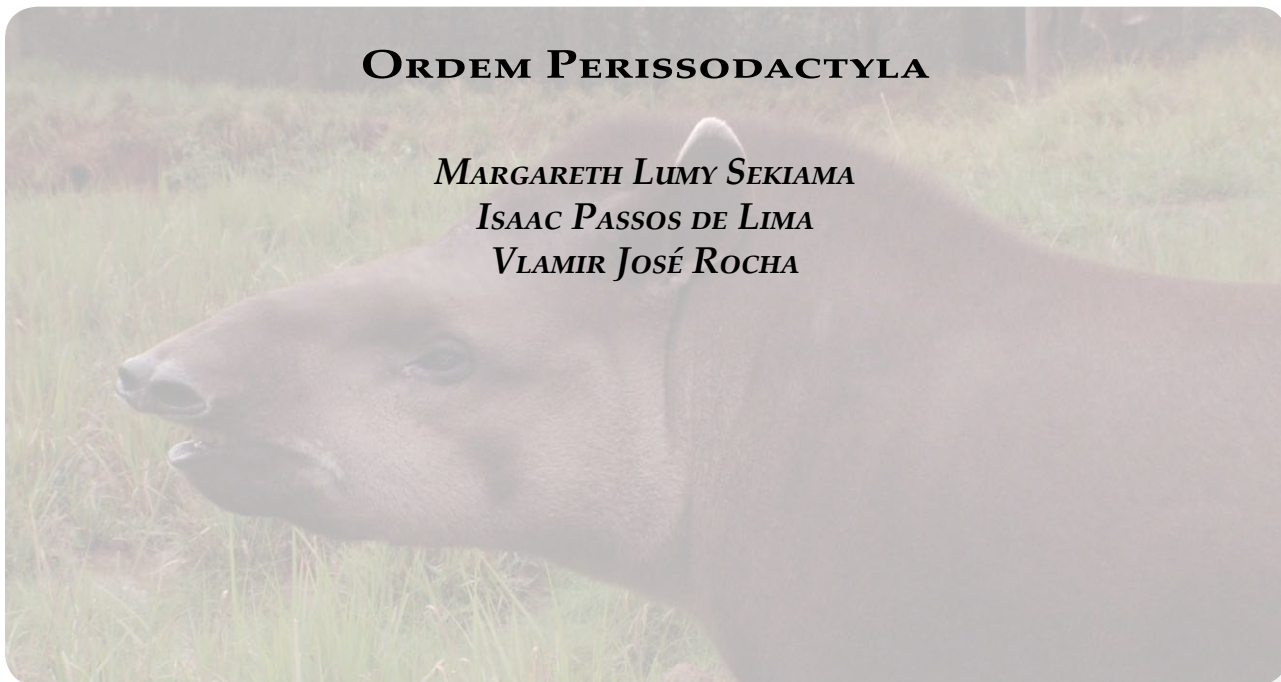


Foto: Isaac P. Lima

Os mamíferos da ordem Perissodactyla, são ungulados, com um número ímpar de dedos nas patas, que inclui os cavalos, as antas e os rinocerontes. O dedo médio é sempre maior que os outros e por ele passa o eixo longitudinal do pé (SAVAGE & LONG, 1986; MYERS, 2001).

A parte anterior do crânio dos perissodáctilos é alongada e possui uma série completa de grandes dentes (geralmente com um total de 44), dos quais os molares e pré-molares são hipsodontes nas espécies que pastam, como os cavalos, e braquidontes nas espécies que têm uma alimentação mais variada, como na anta (CARTER, 1984; VAUGHAN, 1986; MYERS, 2001).

FAMÍLIA TAPIRIDAE

Esta família é formada por um único gênero com quatro espécies com representantes na Ásia e nas Américas (ASHLEY *et al.*, 1996).

As quatro espécies do gênero *Tapirus*, são as seguintes: *T. indicus* (anta asiática) na Ásia, e as outras três espécies nas Américas, *T. bairdii* (anta centro-americana) encontrado na América Central, *T. pinchaque* (anta da montanha) nas regiões de altitude da Colômbia, Equador e Peru (LIZCANO *et al.*, 2002), e *T. terrestris* que ocorre na América do Sul até norte

da Argentina.

Gênero *Tapirus* Brunnich, 1771

Tapirus terrestris Linnaeus, 1758

Tapirus terrestris é encontrado na Venezuela, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Guiana Francesa, Suriname, Brasil, Paraguai e norte da Argentina, sua localidade-tipo é Pernambuco, Brasil (EISENBERG & REDFORD, 1999; PADILLA & DOWLER, 1994; MARGARIDO & BRAGA, 2004).

A anta é o maior mamífero terrestre neotropical, de corpo robusto e cabeça convexa devido a sua proeminente crista sagital; possui uma crina estreita que se estende da base do focinho até a metade do dorso. Suas pernas são curtas dando ao animal uma altura que varia de 77 a 108 cm, o comprimento total do corpo é de 221 cm para as fêmeas e 204 para os machos, cauda varia de 4,6 a 10 cm e orelhas com cerca de 12 cm (PADILLA & DOWLER, 1994; EMMONS & FEER, 1997) e seu peso está entre 150 a 300 kg (SILVA, 1994; PADILLA & DOWLER, 1994). Seu focinho é dotado de uma pequena tromba móvel e curvado para baixo, a qual é um prolongamento do lábio superior (EISENBERG, 1989). A pelagem é áspera e

curta, cuja coloração no dorso é marrom enegrecido, as orelhas têm bordas brancas, já o peito, o ventre e os membros são marrons escuros, a crina é preta e as laterais do rosto são marrons e cinza grisalhos (PADILLA & DOWLER, 1994). Apresenta a seguinte fórmula dentária: i 3/3, c 1/1, pm 4/ 3-4, m 3/3 = 42 - 44 (KERTESZ, 1993; MILES & GRIGSON, 2003).

Nos recém-nascidos, a dentição de leite é formada por um único par de pré-molares funcionais encontrados ao final da primeira semana, entretanto o primeiro molar definitivo já está presente (PADILLA & DOWLER, 1994).

Sua dieta consiste basicamente de frutos caídos, folhas, caules tenros, brotos, pequenos ramos, plantas aquáticas, cascas de árvores, organismos aquáticos e inclusive pastam monoculturas (NOWAK, 1999; FRAGOSO, 1994, ROCHA, 2001). Entretanto cada região apresenta recursos disponíveis diferenciados localmente, podendo-se exemplificar com a seguinte análise, na região da Amazônia, a anta consome fibras vegetais e frutos, principalmente *Maximiliana maripa* (palmeira) (FRAGOSO, 1994), já na região amazônica peruana foi registrado além de fibras vegetais e frutos, um alto consumo de *Mauritia flexuosa* (palmeira) (BODMER, 1990); e no norte do Paraná foram identificadas 44 espécies de frutos consumidos pela anta, sendo que as espécies de *Ficus* spp., foram as mais consumidas durante o ano todo, seguida de *Syagrus romanzoffiana* (jerivá) no outono e na primavera, *Persea americana* (no inverno) e *Anona cacans* (no verão) (ROCHA, 2001). Em função da grande quantidade de sementes que ingerem, tornam-se legítimas dispersoras através de suas fezes (foto-detalle). Que além dessas podem incluir sementes grandes. Desta forma, desempenham importante papel nos ecossistemas que ocorrem, promovendo

a regeneração e manutenção de florestas (ROCHA, 2001).

A anta tem hábito solitário e atividade preferencialmente noturna (FRAGOSO, 1994), e durante o dia permanecem deitadas em áreas sombreadas. Esporadicamente foram observados dois indivíduos juntos, provavelmente tratava-se de mãe e filhote ou casal em época de acasalamento (ROCHA, 2001). Em cativeiro podem apresentar comportamento agressivo em relação a outro indivíduo quando estão num mesmo recinto, aceitando o parceiro apenas na época do cio.

Em regiões alagadas e de muitos rios, as antas geralmente defecam na água (EMMONS & FEER, 1997; NOWAK, 1999), mas outros estudos mostram que podem defecar em terra firme, sempre num mesmo local, denominados de “latrinas de anta”, onde há acúmulo de várias fezes (FRAGOSO, 1994; ROCHA, 2001), fato que pode estar relacionado com territorialidade intraespecífica fato que também promove a germinação de sementes, porém com alta densidade de plântulas.

O filhote acompanha a mãe até 1 ano de idade, e a maturidade sexual é atingida entre os dois e três anos de idade (NOWAK, 1999; GOROG, 2001). O estro



Fêmea de *Tapirus terrestris* e seu filhote - detalhe - fezes com *Syagrus* (Fotos: Margareth L. Sekiama)

que ocorre a cada período de 50 a 80 dias, dura 2 dias (PADILLA & DOWLER, 1994). O período de gestação é de cerca de 390 a 400 dias, onde no final da gestação a fêmea busca um refúgio apropriado para parir sua única cria (foto). Os filhotes nascem pesando de 6 a 9 kg, apresentando coloração marrom com padrões de listras claras e onduladas longitudinais nas costas e laterais, estendendo até a cauda enquanto que na cabeça apresentam manchas irregulares. Essas listras tem função de camuflagem, e o filhote permanece abaixado e imóvel entre a vegetação quando se sente ameaçado. As listras vão desaparecendo até cerca de 8 meses, e o desmame total ocorre por volta do décimo mês, quando o filhote começa a ingerir somente alimentos sólidos (PADILLA & DOWLER, 1994). Todavia, em situação de cativeiro, o desmame e a ingestão de alimentos sólidos ocorrem de forma precoce.

A anta geralmente ocorre associada a rios e florestas úmidas (BODMER & BROOKS, 1997), toma banhos frequentes de lama e de água para se refrescar, livrar de ectoparasitos como carrapatos e moscas, e também para se refugiar em situação de perigo. Este animal pode mergulhar e permanecer embaixo d'água quando há predador (onça-pintada, sussuarana) nas proximidades.

No Brasil existem populações consideráveis de anta na Amazônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (IUCN, 2004), porém esta a caminho do declínio devido a vários fatores incluindo pressão de caça, desmatamento associado a baixa taxa reprodutiva, parindo um único filhote após um período de gestação longa (PADILLA & DOWLER, 1999). Em algumas regiões brasileiras já foi extinta (LIMA & SEKIAMA, 2005), porém cada região apresenta uma realidade diferente, as fragmentações florestais apresentam suas características próprias, assim como as listas de espécies ameaçadas de cada estado brasileiro. De acordo com IUCN (2004) a anta é uma espécie ameaçada, na categoria vulnerável (Vu). Na lista do IBAMA ainda não se encontra ameaçada, mas com o avanço desordenado da ocupação de áreas por atividades antropizadas, em pouco tempo as populações de anta estarão em alguma categoria de ameaça, pois um indivíduo adulto necessita cerca de 200 ha de área de vida (MÉDICI *et al.*, 2001; ROCHA, 2001), ou seja 200 hectares com disponibilidade de recursos alimentares, de abrigo e para reprodução. Os

criadouros e zoológicos existentes no Brasil, poderão ser uma das estratégias para o sucesso da espécie, visando a desenvolver programas de reintrodução em áreas naturais com capacidade de abrigar estes animais (LIMA & SEKIAMA, 2005) podendo reverter o curso da história. Além de maiores ações de fiscalização e monitoramento em ambientes naturais (MARGARIDO & BRAGA, 2004).

AGRADECIMENTOS

À FAPERJ pelo apoio financeiro na concessão de bolsa de estudos de IPL, durante o desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHLEY, M.V.; NORMAN, J.E.; STROSS, L. Phylogenetic analysis of the perissodactylan family Tapiridae using mitochondrial cytochrome *c* oxidase (COII) sequences. *Journal of Mammalian Evolution*. Riverside: v. 3, p. 315-326, 1996.
- BODMER, R.E. Fruit patch size and frugivory in the lowland tapir (*Tapirus terrestris*). *J. Zool. Lond.* Londres: v. 22, p.121-128, 1990.
- BODMER, R.E.; BROOKS, D.M. Status and Action Plan of the Lowland Tapir (*Tapirus terrestris*). In: BROOKS, D.M., BODMER, R.E.; MATOLA, S. (Org.). *Status Survey and Conservation Action Plan: Tapirs*. Gland: IUCN/SSC Tapir Specialist Group, 1997, p. 46-56
- CARTER, D.C. Perissodactyls. In: ANDERSON, S. & JONES, J.K. JR. (Org.). *Orders and Families of Recent Mammals of the World*. New York: John Wiley and Sons, 1984, p. 549-562.
- EISENBERG, J.F. *Mammals of the Neotropics. The Northern Neotropics*. v.1. Chicago: Univ. Chicago Press, 1989, 449 p.
- EISENBERG, J.F.; REDFORD, K.H. *Mammals of the neotropics: the central neotropics (Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil)*. v. 3. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1999, 609 p.
- EMMONS, L. H.; FEER, F. *Neotropical Rainforest Mammals: A Field Guide*. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1997, 307 p.
- FRAGOSO, J.M.V. *Large mammals and the community dynamics of an Amazonian Rain Forest*. 1994. 210 f. Tese (Doutorado PhD) Universidade da Flórida, Gainesville, 1994.
- GOROG, A. "*Tapirus terrestris*" (On-line), Animal Diversity

Web: Disponível em: <http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/accounts/information/Tapirus_terrestres.html>. 2001. Acessado em Jan. 2006.

IUCN 2004. 2004 IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <www.iucnredlist.org>. Acessado em 31 Jan. 2006.

KERTESZ, P. *Colour Atlas of Veterinary Dentistry & Oral Surgery*. London: Wolfe Publishing, 1993. 312p.

LIZCANO, D.J.; PIZARRO, V.; CAVELIER, J.; CARMONA, J. Geographic distribution and population size of the mountain tapir (*Tapirus pinchaque*) in Colombia, *Journal of Biogeography*. Oxford: v. 29, p. 7-15, 2002.

LIMA, I.P. de; SEKIAMA, M.L. Ordem Peryssodactyla. In: REIS, N.R. dos; PERACCHI, A.L.; FANDIÑO-MARIÑO, H.; ROCHA, V.J. (Orgs.), *Mamíferos da Fazenda Monte Alegre – Paraná*. Eduel/klabin. Londrina: 2005, p.127-133.

MARGARIDO, T.C.M; BRAGA, F.G. Mamíferos. In: MIKICH, S.B. & BERNILS, R.S. (Orgs.) *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*. Instituto Ambiental do Paraná. Curitiba. 2004, p. 25-142.

MILES, A.E.W.; GRIGSON, C. *Colyer's Variations and diseases of the teeth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, 688 p.

MEDICI, E. P. Order Perissodactyla, Family Tapiridae

(Tapirs): Biology. In: FOWLER, M. E.; CUBAS, Z. S. (Org.). *Biology, Medicine, and Surgery of South American Wild Animals*. Ames, Iowa: 2001, p. 363-367.

MYERS, P. "Perissodactyla" (On-line), Animal Diversity Web. Disponível em: <<http://animaldiversity.ummz.umich.edu/site/accounts/information/Perissodactyla.html>>. 2001. Acessado em Jan. 2006.

NOWAK, M. *Walker's mammals of the world*. 5th ed. Baltimore and London: The Johns Hopkins Univ. Press. 1999, 1629 p.

PADILLA, M.; DOWLER, R.C. *Tapirus terrestres*. *Mammalian Species: American Society of Mammalogists*. Northampton: n. 481, p. 1-8, 1994.

ROCHA, V.J. *Ecologia de mamíferos de médio e grande portes do Parque Estadual Mata dos Godoy, Londrina (PR)*. 2001, 131f. Tese (Doutorado em Zoologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

SAVAGE, R.J.G.; LONG, M.R. *Mammal Evolution, an Illustrated Guide*. New York: Facts of File Publications, 1986, 259 p.

SILVA, F. *Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1994, 246 p.

VAUGHAN, T.A. *Mammalogy*. 3^{re} ed. Fort Worth: Saunders College Publishing. 1986, vii+576 p.

